

## Análise da Narrativa no Jornalismo Literário<sup>1</sup>

Gabriela GIMENES<sup>2</sup>

Gustavo LORÓN<sup>3</sup>

Fabiano ORMANEZE<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### Resumo

O presente trabalho irá analisar os fundamentos narrativos, como narração cena a cena, diálogos, descrição e uso de símbolos de status de vida na construção da reportagem no jornalismo literário, bem como a presença das etapas da Jornada do Herói, propostas pela pesquisadora brasileira Monica Martinez. Para isso, usaremos como base as reportagens do livro *Entretanto foi assim que aconteceu – Quando a notícia é só o começo de uma boa história* (2011), de Christian Carvalho Cruz, jornalista do caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*.

**Palavras-chave:** jornalismo literário; fundamentos narrativos; jornada do herói.

### Introdução

Existem muitas discussões sobre a existência de um chamado Jornalismo Literário. Muitos acreditam que foi um movimento específico conhecido como *new journalism*, mas outros partem do pressuposto de que é um texto que une os princípios básicos do jornalismo, como a precisão de dados, com as técnicas narrativas da literatura.

Lima (2009 *apud* ORMANEZE, 2009, p. 3) vai ao encontro dessa segunda posição. Segundo o autor, a preocupação estética é a diferença principal entre o texto jornalístico comum e o literário:

Além de uma preocupação com a qualidade das informações, que devem ser checadas e aprofundadas seguindo o melhor modelo de reportagem, o jornalismo literário tem uma preocupação estética com a forma de contar a história e, por isso, utiliza artifícios típicos da literatura, como as figuras de linguagem, as descrições, a narração cena a cena, os diálogos e o fluxo de consciência. (LIMA, 2009 *apud* ORMANEZE, 2009, p. 3)

---

<sup>1</sup> O artigo foi apresentado para o Intercom Junior, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [gabgimenes@hotmail.com](mailto:gabgimenes@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [gustavoloron@gmail.com](mailto:gustavoloron@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [ormaneze@yahoo.com.br](mailto:ormaneze@yahoo.com.br).

Pena (2007) vai além, para ele jornalismo literário “significa potencializar os recursos do jornalismo, (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”. Na mesma direção, Ormaneze (2005) afirma que cada assunto exige uma forma diferente de narrativa:

Entram em ação a voz e a direção que o repórter impõe ao assunto de modo a traduzir, para o papel ou para a edição das imagens, suas sensações, percepções e observações. Seja em primeira pessoa, em terceira, em versos, prosa, reproduzindo somente o discurso do personagem ou qualquer outra forma encontrada para narrar, o repórter coloca sua forma de ver o assunto, a forma como se envolveu com tal história. É o domínio dos recursos que permitirá a escolha da melhor forma de se traduzirem as observações do real para o texto. (ORMANEZE, 2005, p. 127)

Uma estratégia de narração já há muito tempo conhecida é a Jornada do Herói. Segundo Martinez (2008), a origem dessa estratégia vem dos mitos e contos populares e que a estrutura básica da Jornada do Herói compreende basicamente a partida, a iniciação e o retorno, que fazem com que o leitor se enxergue na história.

De fato, a Jornada do Herói ilustra o caminho que leva a pessoa compreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes. De forma sintética, o percurso da aventura mitológica do herói reproduz os rituais de passagem, comuns nas sociedades primitivas, nas quais ocorre o padrão separação-iniciação-retorno. (MARTINEZ, 2008, p. 53)

Com base nas reflexões desses autores, dentre outros, este artigo tem como objetivo analisar o livro “Entretanto, foi assim que aconteceu” do jornalista Christian Carvalho Cruz, afim de classificá-lo na categoria de Jornalismo Literário com base nas estratégias de narração utilizada pelo autor. Serão analisados seis textos presentes no livro a partir das seguintes estratégias: Narração cena a cena, descrição, símbolos de status de vida e diálogos.

Partiremos do pressuposto de que Jornalismo Literário é “a metodologia de trabalho que integra as ferramentas da reportagem e a linguagem típica da literatura, com a criatividade sendo estimulada na forma de narrar”, como afirma Ormaneze (2009) e também que “não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia”, como completa Pena (2007).

Além disso, também será analisado se existe ou não a presença da Jornada do Herói e como é utilizada na construção dos perfis presentes no livro.

## **Fundamentos Narrativos**

Em uma notícia relatada no formato tradicional, típicos dos jornais e sites de informação, o jornalista relata os acontecimentos e segue um padrão, o *lead*, constitutivo da pirâmide invertida. No jornalismo literário, esse molde não ocorre e o jornalista reconstrói a história a partir de seu olhar, de sua assumida subjetividade, podendo apresentar, inclusive, momentos de suspense e maior tensão, isto é, criando um clímax para a narrativa.

Para isso, o repórter utiliza algumas estratégias, próprias dos textos literários ficcionais. Convém lembrar que, embora os recursos técnicos possam ser próprios da literatura de ficção, a temática e as informações do texto devem ser centradas no real, já que a finalidade é informativa ou interpretativa, como é próprio do jornalismo.

Dentre as características técnicas mais comuns nos textos de jornalismo literário estão: narração cena a cena; diálogos; descrição; e símbolos de status de vida. Analisaremos estes fundamentos, a partir de trechos do livro de Cruz, e discutiremos a função deles para o desenvolvimento da reportagem.

### **Narração cena a cena**

Com esse fundamento, os fatos são narrados e o leitor consegue ter um panorama do que estava acontecendo. Essa estratégia nos remete à construção de cenas usada no cinema. Dessa maneira, temos a clareza da sucessão de episódios. E, ao ler o texto, se estabelece, na cognição, um filme, uma trajetória narrativa. Como no trecho a seguir, da reportagem “Fóssil à deriva”:

Entretanto, foi assim que sucedeu. Vinha o Pantaneiro por aquele sertão de Deus-abençoe, mato fechado e fresco, depois de desbarrancar do calor da estrada de terra para a beira do riacho. Vinha de sola nua, porque é assim que desde criança ele gosta de andar. Andar para nada, só andar. A água dava no joelho, e o Pantaneiro pôde entrar e ficar de pé lá no meio, só de calção, lançando a linhada de lambaris. Em estreiteza, o ribeirão que chamam Engenho D’água, faz tempo assentado por causa da estiagem, media uns cinco metros. Adiante e às costas, o leito cuspiu as pedras lisas para os raios do sol aluminar. Seu menino de 16 anos nadava ali longinho, num pedaço mais fundo. E Nina, a mestiça de pastor belga com qualquer coisa, descansava na margem. Saíram de casa às seis horas e ainda não passava das nove. (CRUZ, 2011, p.53)

Neste trecho, acompanhamos o “passo a passo” do pantaneiro, isto é, acompanhamos o personagem desde o sertão até o riacho. Porém, essa estratégia não significa que os textos devam seguir a ordem cronológica. O autor pode fazer algumas

digressões, contextualizando o fato. Como, por exemplo, o trecho em que Cruz cita que, desde criança, o personagem se acostumou a andar descalço.

### **Descrição**

Esta estratégia é importante para que o leitor tenha uma visualização da cena, do local ou do personagem. No texto “A Manada”, Cruz descreve um jogador de rúgbi da seguinte forma: “Victor Matfield, 110 quilos acondicionados em 2,01 metros de altura, segurava uma camiseta da seleção de futebol da África do Sul que caberia, no máximo, no seu dedo mínimo. Achei melhor apenas observar de longe” (CRUZ, 2011, p. 119).

No caso, se o autor apenas tivesse dito que o jogador era muito grande, ou assustador, não conseguiria a mesma precisão. A imagem para o leitor seria extremamente individual e imaginativa. Isso desqualificaria o texto jornalístico, o qual deve se comprometer com a realidade, apesar de poder conter elementos subjetivos.

Nesse fundamento, pode ser notada, portanto, a presença da precisão de dados, característica importante no jornalismo. Os dados podem ser uma forma de descrição também. Além disso, essa estratégia usa os sentidos do corpo humano. Pessoas, lugares, objetos e comidas podem ser definidos a partir do olfato, tato, visão, audição e paladar. Como no trecho a seguir, da reportagem “1 milhão na 25”:

Basicamente, a 25 cheira a papelão, das caixas que se amontoam por todo cantos (são quatro caminhões de lixos todas as noites), e suor, da gente que não para de chegar do metrô São Bento, Ladeira Porto Geral abaixo. Tal qual os esbarrões, o suor é um negócio democrático na 25 de Março.(CRUZ, 2011, p. 49)

Essa passagem mostra como os sentidos do autor ajudam o leitor na formação e visualização do local ou da pessoa descritos. No trecho, o cheiro, a visão, o tato, todas as impressões que o autor teve e coloca em seu texto quase que transportam o leitor para a 25 de Março em São Paulo.

### **Diálogos**

A presença de diálogos aproxima ainda mais o texto jornalístico ao de uma obra da literatura ficcional<sup>5</sup>, como um conto ou um romance. Os diálogos ajudam a compor, com

---

<sup>5</sup> Para este trabalho, adota-se a concepção de literatura como “linguagem esteticamente trabalhada”. A exemplo do que fazem autores como Lima (2008), o foco da palavra literatura é a forma e não o conteúdo. No jornalismo literário, o conteúdo nunca é ficcional.

maior profundidade, o personagem, através da linguagem e reações da pessoa. Como no trecho a seguir, do texto (42 bico largo):

“- Esta noite passei meia hora com Monsenhor Wojtyla, arcebispo de Cracóvia, que, voltando de Roma, parou alguns dias em Leuven. Ele se alojou ao lado do meu quarto e nos encontramos depois da oração da noite.” (CRUZ, 2011, p.66)

No trecho citado, podemos perceber que o personagem é uma pessoa culta, pela forma como se expressa. Essa informação fica muito mais evidente e até mais “sincera” quando sabemos que o personagem falou exatamente daquele jeito. Neste caso, o jornalista usou travessões para criar a fala. Além desses métodos, as aspas também podem ser usadas, como o próprio Cristian Carvalho Cruz adota como técnica em outros textos.

### **Símbolos de status de vida**

Os elementos físicos do espaço que está sendo narrado, chamados de *símbolos de status de vida*, ajudam a aprofundar ainda mais o nível de informação que o leitor recebe sobre determinado personagem, e também ajudam o leitor a compreender melhor o lugar em que o personagem está situado no mundo. No trecho a seguir, retirado do texto “1 milhão na 25”, por exemplo, o autor descreve o personagem a partir de elementos do vestuário, e esses dados colaboram para o leitor entender quem é aquela pessoa. “Quem fica danado com isso é o Pedro Rei, o camarada mais elegante da 25. Camisa vermelha, gravata preta e branca, sapatos tinindo de graxa e topete de gumex” (CRUZ, 2011, p.50).

Sabemos, portanto, que Pedro Rei é um homem que preza pela aparência e se destaca na multidão da 25 de Março. Outro exemplo desta estratégia pode ser encontrado na reportagem “A princesa que tomava ônibus”, no seguinte trecho:

Na quinta-feira, ao sair bem cedo de sua residência no Pacaembu, em São Paulo, D. Bertrand Januário Maria José Pio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, caso dispusesse a dar uma respirada mais audaz, breve que fosse, sentiria aquele cheiro azedo de amônia a lhe conspurcar as narinas. Mas ele tinha mais o que fazer. Dois pares de horas depois, como chefe interino da Casa Imperial do Brasil, foi recebido com pompa na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, no centro do Rio de Janeiro. Adentrou a nave escoltada por 12 cadetes do Batalhão do Imperador, imaculados e imóveis em suas casacas azuis, luvas brancas, chapéus de penacho e ‘sentido’, ‘apresentar armas’, e ‘descansar’ de praxe. (CRUZ, 2011, p. 93)

A partir dos símbolos de status de vida acima, é possível saber quem é o personagem do texto. Elementos como o bairro onde a casa se localiza, o nome extenso, a

maneira como Bertrand foi recebido, a “nave escoltada” e os cadetes colaboram para a construção da narrativa e do personagem. Cria-se, portanto, a imagem da pessoa a partir dos símbolos que conotam seu status de vida.

### **Jornada do herói**

O mitólogo Joseph Campbell dividiu a Jornada do Herói, estratégia narrativa presente nas narrativas míticas desde a Antiguidade, em três partes, com 17 subdivisões. Elas são: 1) a partida: a) o chamado da aventura, b) recusa do chamado, c) o auxílio sobrenatural; d) a passagem pelo primeiro limiar; e) o ventre da baleia (herói é exilado do cotidiano); 2) a iniciação: a) o caminho das provas, b) o encontro com a deusa, c) a mulher como tentação, d) a sintonia com o pai (ruptura com valores passados), e) a apoteose, f) a bênção última; 3) o retorno: a) a recusa do retorno, b) a fuga mágica, c) o resgate com o auxílio externo, d) a passagem pelo limiar, e) senhor de dois mundos (mentalidade ampliada), f) liberdade para viver.

A pesquisadora brasileira Monica Martinez (2008) adaptou tal técnica para a escrita das histórias de vida em jornalismo, resultando num esquema que pode ser dividido em sete etapas: 1) cotidiano; 2) chamado à aventura; 3) recusa do chamado; 4) testes; 5) internalização; 6) recompensa; 7) retorno ao cotidiano. Para esta análise usaremos o texto “Quero ser Washington Olivetto”, a partir das etapas propostas por Martinez.

A reportagem inicia contando as características de Washington Olivetto, e também os trabalhos de maior sucesso do publicitário. Esta parte refere-se ao cotidiano do personagem, isto é, a vida dele antes do chamado à aventura, etapa que aparece logo a seguir, no trecho: “Então, caso fosse ele, você estaria assumindo na nova W McCann o cargo de *chairman*, o homem da cadeira, chefe” (CRUZ, 2011, p. 171).

Em relação ao chamado à aventura, Martinez (2008, p. 70) diz que “este gatilho pode ser um convite de trabalho numa área ou cidade diferentes”. Este é o caso de Olivetto, que inicia a aventura em uma mudança no emprego. Mas, como Martinez (2008, p. 76) descreve, “é uma boa ideia explorar o primeiro drama desta viagem, que é o de embarcar numa jornada em direção ao desconhecido.” Foi justamente isso que fez Cruz, ao narrar a recusa do chamado de Olivetto.

“Mas se você fosse o Washington Olivetto recusaria” (CRUZ, 2011, p. 171). Esse trecho refere-se ao fato do publicitário ter rejeitado uma sala em um andar do prédio da

empresa que ficam os chefes. Olivetto preferiu estar no departamento de criação com a equipe. Esta passagem revela uma relutância do personagem em dar início às mudanças proporcionadas pela aventura.

É a partir dessa parte do texto, que tomamos conhecimento da terceira passagem da jornada do herói, isto é, os testes, aliados e inimigos. Pode-se dizer que o inimigo de Olivetto, na nova jornada, é o próprio medo do publicitário em aparentar ser arrogante. É este fato que o motiva o personagem a não aceitar trabalhar com os chefes e tirar as paredes de vidro da sala, “para não parecer ‘o exibido inalcançável dentro do aquário’” (CRUZ, 2011, p. 171).

Já os aliados, que, segundo Martinez (2008, p. 86), são aqueles que “ajudam nas tarefas empreendidas pelo protagonista”, são os próprios funcionários da empresa, como revela o trecho: “No corre-corre daquele dia, talvez não percebesse o jeito meio abobalhado que olhavam para você, como se estivessem diante do Brad Pitt ou da Angelina Jolie”. No caso, os funcionários da empresa são admiradores do novo chefe, um publicitário renomado.

Em um novo emprego, Olivetto provavelmente irá enfrentar diversos testes, mas sempre há aquele mais difícil. De acordo com o texto do Cruz, podemos classificar a provação suprema como sendo a renovação no trabalho de Olivetto, já que o publicitário fez muito sucesso, porém, as exigências nas propagandas mudaram. Isto fica claro no trecho:

Bom, se fosse ele, você teria que aprender a se reinventar, porque hoje não te deixariam colocar uma menina de 11 anos, seios rapidamente ao léu, para vender sutiã na TV. ‘É, o mundo ficou muito chato’, você diria, caso fosse ele. (CRUZ, 2011, p. 174)

As etapas da Jornada do Herói, no texto, não estão em ordem cronológica. A etapa internalização, aquela que se refere ao momento em que o herói topa a nova jornada, encontra-se no momento em que Olivetto aceita a sala no andar de criação, sem vidros e troféus. Ou seja, o publicitário, apesar de uma recusa inicial, foi convencido a entrar nessa viagem, como narra Cruz.

Ao longo do texto, Cruz apresenta as recompensas do personagem. Olivetto é um nome reconhecido, admirado entre estudantes de publicidade, ganhador de prêmios e tem um prato com seu nome em um restaurante. O autor, inclusive, encerra o perfil de Olivetto

com uma recompensa significativa, o reconhecimento de melhor publicitário por Nizan Guanaes, outro publicitário renomado do Brasil e “concorrente” de Olivetto.

A última etapa, o retorno, é o momento em que o herói volta ao cotidiano, após ter passado pela aventura. Essa fase não aparece no texto, já que o perfil foi escrito durante o início da aventura de Olivetto.

### **Considerações finais**

A partir das análises feitas neste trabalho, pode-se concluir que elementos da literatura colaboram com a narrativa jornalística quando empregados sem que se percam de vista os elementos informativos e/ou interpretativos. Estratégias como narração cena a cena, descrição, diálogos e símbolos de status de vida podem conduzir também histórias de não ficção, retratando personagens com profundidade e levando o leitor para dentro da realidade narrada. Por fim, esses fundamentos narrativos trazem ainda credibilidade ao texto, porque, apesar da subjetividade do autor, informam e descrevem com detalhes cenas, pessoas e lugares.

Já quanto à Jornada do Herói, proposta por Campbell e adaptada ao jornalismo por Martinez (2008), podemos observar que as passagens da aventura (partida, iniciação e retorno) ajudam a transformar uma pessoa comum em alguém com uma história tão interessante a ponto de ser perfilada. Ou seja, é a partir de uma aventura vivenciada que o personagem ganha destaque e interesse público. Por exemplo, Geisy Arruda só se tornou destaque no jornal após ter passado pela a “aventura”. É o caso também do Pantaneiro e do publicitário Washington Olivetto.

Sendo assim, pode-se concluir que o livro analisado pode ser classificado na categoria Jornalismo Literário, por conter, além da característica principal do jornalismo que é o compromisso com a realidade, os fundamentos narrativos da literatura. Da mesma forma, identificamos que os traços da Jornada do Herói, além de aproximar os personagens do leitor, também aproximam o texto jornalístico do literário.

### **REFERÊNCIAS**

CRUZ, Christian Carvalho. **Entretanto, foi assim que aconteceu** – quando uma notícia é só o começo de uma boa história. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2011.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo, SP: Annablume, 2008.



ORMANEZE, Fabiano. Eu sou o outro e o outro sou eu – o processo de humanização no Jornalismo Literário. **Conectiva (Univas)**, v. 3, 2005, p. 119-130.

\_\_\_\_\_. Pistas para decifrar o enigma: uma análise de *Os Sertões* a partir do jornalismo literário. **Letras**. PUC-Campinas, v. 28, 2009, p. 14-26.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo. N.17, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/349>. Acesso em 02 jul. 2015.